

PLANO DE AULA

I – Dados de Identificação

Disciplina – Didática (para curso de Magistério)

Ano letivo – 2006

Professora Marlene Lucia Siebert Sapelli

Tema: **Educação, Pedagogia e Didática: abrangência epistemológica e relações**

II – Objetivos

a) Geral

- Explicitar as questões epistemológicas da Educação, da Pedagogia e da Didática e suas relações.

b) Específicos

- Compreender a categoria do trabalho como ponto de partida para compreender as questões epistemológicas da Educação, da Pedagogia e da Didática.

- Definir Educação, Pedagogia e Didática.

- Perceber que o objetivo da Didática é a definição do método e que essa definição está relacionada com a concepção de homem e de mundo que lhe darão sustentação.

III – Conteúdo programático

1. Questões epistemológicas da Educação, da Pedagogia e da Didática e suas relações
 - 1.1. Categoria trabalho
 - 1.2. Educação
 - 1.3. Pedagogia
 - 1.4. Didática
 - 1.5. Método

IV– Encaminhamentos metodológicos

- Os alunos deverão fazer a leitura prévia do texto introdutório e do texto complementar. Também farão uma enquete entre professores da Educação Básica e do Ensino Superior para verificar que compreensão os mesmos têm sobre Educação, Pedagogia, Didática e Método.

- A aula será iniciada com uma plenária sobre as posições apresentadas pelos professores inquiridos. Após essa plenária serão discutidas as questões apresentadas no texto introdutório.

- Na continuidade far-se-á aplicação da técnica GVGO (Grupo de Verbalização, Grupo de Observação) e cada grupo terá oportunidade de discutir as análises apresentadas no texto complementar.

- Após o trabalho de discussão e registros, em dupla, os alunos produzirão um texto dissertativo, no qual analisam as questões epistemológicas da Educação, da Pedagogia e da Didática, bem como suas relações. O texto será apresentado para a turma e o professor fará explicações complementares sobre os pontos que se apresentarem limitados para a compreensão dos alunos.

V – Textos

a) Introdutório

SAPELLI, Marlene Lucia Siebert Sapelli. **Educação, Pedagogia e Didática: abrangência epistemológica e relações.** 2006 (mimeo)

b) Complementar

WACHOWICZ (1995, p. 19 a 55)

VI – Avaliação

A avaliação será feita por meio da análise do texto produzido pelos alunos, considerando-se a capacidade de síntese e de análise em relação ao tema proposto.

VII – Referências

ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2004.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **O que é pedagogia?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

KATZ, Cláudio; BRAGA, Ruy e COGGIOLA, Osvaldo. **Novas tecnologias: crítica da atual reestruturação produtiva.** São Paulo: Xamã, 1995.

KONDER, L. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 2000.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Estatuto de cientificidade da Pedagogia. In: PIMENTA, Selma Garrido (coordenação). **Pedagogia, Ciência da Educação?** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. Panorama atual da Didática no quadro das Ciências da Educação: Educação, Pedagogia e Didática. In: PIMENTA, Selma Garrido (coordenação). **Pedagogia, Ciência da Educação?** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIRES, M. F. de C. **O materialismo histórico dialético e a Educação.** Texto apresentado na mesa redonda: Paradigmas de Interpretação da Realidade e

Projetos Pedagógicos, organizada pelas disciplinas de Pedagogia Médica e Didática Especial dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina da UNESP, campus de Botucatu, em agosto de 1996.

SAPELLI, Marlene Lucia Siebert Sapelli. **Escola: espaço de adestramento ou contradição?** Cascavel/PR: Coluna do Saber, 2004.

SAPELLI, Marlene Lucia Siebert. **Educação, pedagogia e didática: abrangência epistemológica e relações.** 2006 (mimeo)

SAVIANI, Dermeval. Educação Socialista, Pedagogia Histórico-Crítica e os Desafios da sociedade de Classes. In: LOMBARDI, José Claudinei e SAVIANI, Dermeval (orgs). **Marxismo e Educação: debates contemporâneos.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

WACHOWICZ, Lilian Anna. **O método dialético da didática.** 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA E DIDÁTICA: ABRANGÊNCIA EPISTEMOLÓGICA E RELAÇÕES

Marlene Lucia Siebert Sapelli¹

Para explicitar a abrangência epistemológica e as relações entre Educação, Pedagogia e Didática, faz-se necessário iniciar por apresentar a categoria que, na perspectiva do materialismo dialético, dá sustentação às três: o trabalho. Assim procedendo estaremos, inclusive, anunciando a não neutralidade das nossas análises e nosso compromisso com o método que revela nossa opção de classe.

O trabalho geralmente é visto como o modo de produzir bens e serviços ou como fornecedor de um emprego ou de rendimentos, porém devemos compreendê-lo antes, como ação transformadora do homem. Pode-se dizer que o trabalho é a forma do ser humano "ser" e como disse Marx "é o que o distingue dos animais", ou "*tal como produz assim ele é*".

Não nascemos humanos mas potencialmente humanos. Segundo Saviani (2005, p. 225), "o ser do homem, a sua existência, não é dado por natureza, mas é produzido pelos próprios homens". Só o que o homem traz no seu aparato biológico ao nascer não é suficiente para viver. E isso o difere dos animais que trazem no seu aparato biológico quase todos os elementos para sua sobrevivência.

Antunes (2004, p 13 a 34) ao analisar os escritos de Engels afirma que neles o autor considerava o trabalho condição básica e fundamental de

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá.

toda a vida humana ao ponto de afirmar que o trabalho criou o próprio homem. O próprio corpo do homem foi se transformando neste processo, portanto, em parte, é produto dele. O trabalho coletivo levou à necessidade da linguagem. Com o trabalho e com a palavra articulada o próprio cérebro foi se transformando. Com isto as necessidades humanas foram se modificando e, em consequência, também sua forma de viver. Passou a fazer uso do fogo, a domesticar dos animais, a caçar, a pescar, a dedicar-se à agricultura e, mais tarde, à fiação e à tecelagem, à elaboração de metais, à olaria e à navegação. O homem foi modificando a forma de trabalhar e no mesmo processo a si mesmo. Assim, o homem foi atuando sobre a natureza cada vez de forma mais intencional. Passou a planejar o trabalho. Segundo Katz, Braga e Coggiola (1995, p. 11) “o intercâmbio que o homem realiza com a natureza mediante o trabalho não é um ato instintivo-biológico, mas uma ação consciente”.

Para realizar o trabalho o homem foi criando vários instrumentos e várias formas. Assim, foi dividindo o trabalho e essa divisão provocou a divisão dos homens que divididos foram se organizando em classes, constituindo uma sociedade de classes.

Se o homem se faz pelo trabalho e esse trabalho é realizado com o outro, então ele tem um aspecto coletivo, portanto coletivamente vai produzindo o conhecimento. Então, o conhecimento é produto do trabalho humano. O conhecimento produzido pelos homens precisa ser socializado aos outros homens. Isso acontece por meio da educação.

É preciso entender aqui Educação como processo de socialização do que a sociedade já produziu, portanto mediadora entre a sociedade e a "pessoa". As questões da Educação são engendradas nas relações que os homens estabelecem ao produzir sua existência. É a educação que mantém viva a memória de um povo. A Educação, portanto, não é neutra, é política, não é deslocada do contexto, é processo situado social e historicamente.

Segundo Wachowicz (1995) a Educação não se reduz à transmissão do conteúdo cultural, mas de apropriação de uma realidade, não só de um conteúdo elaborado sobre essa realidade. Consideramos o entendimento da autora mais amplo porque percebe o sujeito como ativo e indica a Educação como ação.

O processo de Educação é situado histórica e geograficamente, portanto, acontece de formas diferentes em cada tempo e em cada espaço. Segundo Pimenta (2001, p. 53) a Educação enquanto prática social humana, é um fenômeno móvel, histórico, inconcluso, que não pode ser captado na sua integralidade, senão na sua dialeticidade. Considerar que há diversidade na forma de ser da Educação provoca a necessidade de compreendê-la, de investigá-la e torná-la um concreto pensado, portanto organizá-la como teoria.

E é justamente assim que se engendra a Pedagogia. Podemos afirmar, segundo Wachowicz (2001) que a Educação é a ação e a Pedagogia é a teoria construída a partir dessa ação. Mazzotti (2001) contribui para essa reflexão e afirma que a Pedagogia é uma reflexão sistemática sobre a prática

educativa que se efetiva através e por meio das diversas Ciências Sociais e Humanas. O autor também afirma que a Pedagogia é uma rede de significações sobre o fazer educativo. Pimenta (2001) afirma que Pedagogia seria um saber (uma ciência?) que estuda a Educação. A definição de Pedagogia por diferentes autores não demonstra grandes controvérsias, porém, quando se problematiza a questão epistemológica (a discussão do objeto) da Pedagogia, há um debate significativo. E essa é uma questão importante pois é necessário termos clareza, segundo Pinto *apud* Pimenta (2001), da natureza do nosso trabalho.

Seria a Pedagogia uma ciência da Educação? Ao invés de Pedagogia não teríamos Ciências da Educação? Seria a Pedagogia uma Filosofia da Educação? Tanto Pimenta (2001) como Mazzotti (2001) e Wachowicz (1995) problematizam a questão e consideram difícil determinar o que é Pedagogia.

Mazzotti (2001, p. 15) afirma que o lugar da Pedagogia entre as ciências que examinam o fazer pedagógico pode ser assim descrito:

A educação escolar – o modo mais sistemático da ação educativa em nossa sociedade – apresenta-se como objeto de investigação para as Ciências do Homem. Assim a Antropologia, a História, a Sociologia procuram investigar as relações sociais que são tecidas no processo de escolarização e por ele. Como um cristal, a educação escolar reflete as luzes das diversas ciências que procuram apreendê-la. Cada uma das ciências procura encontrar na escolarização as características que lhe são relevantes. Quando estas investigações permitem a exposição do movimento mesmo do fazer escolar, alcança-se o desenho da tecitura da escolaridade, até onde é possível, em cada ciência em sua historicidade.

Nessa perspectiva, poderíamos considerar que seria melhor utilizar o termo Ciências da Educação. Por outro lado, podemos entender que o conhecimento é uma totalidade e que a Pedagogia é um aspecto dessa totalidade marcada por outros aspectos da mesma, ou seja, incorpora a especificidade da Psicologia, da Biologia e de outras para explicar a Educação.

Coelho e Silva *apud* Pimenta (2001) denomina a Biologia, Psicologia, Antropologia, Etnografia, Sociologia, Economia e Ecologia como *ciências com implicações na educação* e defende a necessidade de se construir o estatuto epistemológico de uma *ciência específica da educação*. Dias de Carvalho *apud* Pimenta (2001) consideram as ciências citadas como insuficientes, uma vez que não partem do fenômeno educativo como problema de investigação. Essas análises nos aproximam do entendimento da Pedagogia enquanto Ciência da Educação.

Quintana Cabanas *apud* Pimenta (2001) nos dá elementos para compreender melhor isso. Diz que a Pedagogia não se dilui nas ciências da Educação mas se afirma como ciência prática e normativa. Prática pois se preocupa com uma aplicação imediata e normativa porque tem a preocupação de produzir diretrizes pragmáticas para a educação. Assim, chegamos à conclusão que a Pedagogia é uma ciência prática, diferentemente das demais, porque, segundo Pimenta (2001, p. 57) “parte da prática e a ela se dirige”. Diante dessas constatações também precisamos levantar a questão da identidade do pedagogo. Se a Pedagogia é uma ciência, então, o pedagogo é um cientista da Educação e como tal deve refletir sistematicamente sobre a educação para intervir intencionalmente sobre ela.

Se a Educação é a ação e gera uma teoria que é a Pedagogia é preciso uma mediadora entre elas: a Didática. Segundo Ghiraldelli Jr (1987, p. 9)

A didática, a meu ver, é mediadora entre o pólo teórico (pedagogia) e o pólo prático (educação) da atividade educativa. *O como ensinar, o que ensinar e quando ensinar e o para quem ensinar*, quando ligados à pedagogia, estão impregnados dos pressupostos e diretrizes de uma determinada *concepção de mundo* que, por sua vez, nutre tal pedagogia. Ora, no âmbito da didática, *o como ensinar, o que ensinar, o quando ensinar e para quem ensinar* se consubstanciam em motivação para o educador, sob a luz da *concepção de mundo* que orienta sua pedagogia, procure os instrumentos e as técnicas necessários para que a prática educativa ocorra com sucesso.

Se analisarmos os entendimentos que estamos apresentando de Educação, de Pedagogia e de Didática, percebemos claramente que tais questões podem ou não se referir à escola. Candau *apud* Pimenta (2001, p. 67) apresenta como estruturantes do método didático:

- a) o conteúdo, a estrutura, organização interna específicas de cada área do conhecimento (negando, portanto, a teoria do método único);
- b) o sujeito da aprendizagem (apreendido por uma nova psicologia);
- c) o elemento lógico;
- d) o elemento contextual onde se dá a prática pedagógica;
- e) e os fins da educação.

Parece simples explicitarmos o objeto da Didática, mas não é. Como diz Wachowicz (1995) é preciso dialetizar a didática, ou seja, é preciso compreender num mesmo movimento o momento de formalização e o momento de reflexão, isto é, a escolha de técnicas/recursos mas também os determinantes dessa escolha. Segundo a autora “o conceito da realidade depende do viés filosófico e o conceito de educação que resulta deste conceito de realidade que temos”, isto é, concepção de homem e de mundo é que

determina nosso método, portanto nossa Didática. Seria prudente então falar de Didáticas.

A Didática é então responsável também pela definição do método que muitas vezes se confunde com a metodologia. Sendo assim, para compreender as questões epistemológicas da Educação, da Pedagogia e da Didática e suas relações, obrigatoriamente, precisamos compreender a questão do método.

Método, segundo Wachowicz (1995, p. 40) é a mediação entre o pensamento e o objeto: enquanto o pensamento busca apropriar-se do objeto, desenvolve-se o método”. O método é, portanto, o modo como apreendemos a realidade, ou seja, como tornamos o real transparente, racional, compreensível – um concreto pensado.

A escolha do método está intimamente relacionada com a opção de classe que fazemos ao educar, ou seja, está relacionada à concepção de homem e de mundo que sustentam nossa prática.

A maioria dos professores, quando questionados sobre que método adota escorrega para a famosa resposta: “Uso um pouco de cada um. Aproveito o que cada um tem de bom”. Isto, em geral, explicita a não compreensão do professor em relação ao método. Definir o método de trabalho é assumir uma postura definida em relação ao homem que se pretende ajudar a construir e ao projeto social que pretende defender por meio do seu trabalho e, a partir destas questões, definir conteúdos, técnicas de ensino, formas de avaliação e fontes de referência. A definição do método pressupõe os outros fatores. Ter clareza disto é definir a direção, a abordagem. “Compreender o método é instrumentalizar-se para o conhecimento da realidade” (PIRES, 1996, p. 86).

Poderíamos afirmar que o método é o conjunto das “vias de consecução do objectivo e o conjunto de determinados princípios e meios de pesquisa teórica e ação prática” (Afanássiev *apud* SAPELLI, 2004, p. 79), ou seja, um caminho que permita, filosófica e cientificamente, compreender a realidade.

A escolha de tal conceito não define a direção da discussão que queremos propor, mas contribui para iniciar a reflexão. Podemos, no processo de definição do método adotar a perspectiva *idealista* e apoiarmo-nos no intelecto do homem e considerarmos o mundo produto da consciência ou a perspectiva *materialista mecanicista* e, apesar de referenciarmos a materialidade, conformarmo-nos com o determinismo das condições concretas na vida do homem.

Talvez não seja exatamente uma *escolha*. O professor e a pessoa que é o professor jamais se separam, portanto a opção pelo método está intimamente relacionada com a condição de *sujeito* do mesmo ou com os limites da sua necessidade de sobreviver. Por exemplo: adotar o método materialista dialético histórico não é possível para todos os profissionais da área. Apesar de compreendermos isso, queremos propor uma reflexão sobre a perspectiva

materialista dialética histórica do método, considerando que nem os tempos são estáticos e nem os sujeitos.

A lógica do método materialista dialético histórico é a “possibilidade de compreensão da realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação” (Konder *apud* PIRES, 1996, p. 84). Considerar a realidade como contraditória é afirmar que algo *é* e *não é* ao mesmo tempo.

Quando o professor, a partir do sujeito que é, define seu método, toda e qualquer ação sua será orientada por ele. Compreender isso é dialetizar a Didática. É possível aplicar esse método ao trabalhar com os conhecimentos de qualquer área, desde que entendamos que conhecer, segundo Marx, não é um ato, mas um processo.

Aplicar o método materialista dialético-histórico no trabalho cotidiano da Escola é trabalhar o *conteúdo* de forma a explicitar as contradições, a totalidade e a mediação para construir uma visão de totalidade. Segundo Konder (2000, p. 36-37) se não enxergarmos o todo, podemos atribuir um valor exagerado a uma verdade limitada (transformando-a em mentira), prejudicando a nossa compreensão de uma verdade mais geral.

Nesse método, a prática social concreta é sempre o ponto de partida, a base e o objetivo final no processo do conhecimento. (KONDER, 2000, p. 159-160).

O processo de formação continuada dos professores, de forma geral, não contribui para instrumentalizar o professor na perspectiva de construir o método materialista dialético histórico. Pelo contrário, enfatiza a construção do método idealista ou materialista mecanicista e promove uma imersão acrítica na realidade.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **O que é pedagogia?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

KATZ, Cláudio; BRAGA, Ruy e COGGIOLA, Osvaldo. **Novas tecnologias: crítica da atual reestruturação produtiva**. São Paulo: Xamã, 1995.

KONDER, L. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 2000.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Estatuto de cientificidade da Pedagogia. In: PIMENTA, Selma Garrido (coordenação). **Pedagogia, Ciência da Educação?** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. Panorama atual da Didática no quadro das Ciências da Educação: Educação, Pedagogia e Didática. In: PIMENTA, Selma Garrido

(coordenação). **Pedagogia, Ciência da Educação?** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIRES, M. F. de C. **O materialismo histórico dialético e a Educação**. Texto apresentado na mesa redonda: Paradigmas de Interpretação da Realidade e Projetos Pedagógicos, organizada pelas disciplinas de Pedagogia Médica e Didática Especial dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina da UNESP, campus de Botucatu, em agosto de 1996.

SAPELLI, Marlene Lucia Siebert Sapelli. **Escola: espaço de adestramento ou contradição?** Cascavel/PR: Coluna do Saber, 2004.

SAVIANI, Dermeval. Educação Socialista, Pedagogia Histórico-Crítica e os Desafios da sociedade de Classes. In: LOMBARDI, José Claudinei e SAVIANI, Dermeval (orgs). **Marxismo e Educação: debates contemporâneos**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

WACHOWICZ, Lilian Anna. **O método dialético da didática**. 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.